

AS MANIFESTAÇÕES DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA ENTRE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

LAS MANIFESTACIONES DE LA CONSCIENCIA POLÍTICA ENTRE PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA

THE MANIFESTATIONS OF THE POLITICAL CONSCIOUSNESS BETWEEN PHYSICAL EDUCATION TEACHERS

Guilherme Gil da Silva¹

Resumo: O presente texto objetiva abordar o fenômeno da consciência dos indivíduos, realizando um breve apanhado dos elementos centrais para compreender o processo de consciência política de professores de Educação Física. Trata-se de uma pesquisa mais ampla, que procura analisar como se dá a formação e o engajamento políticos de professores, sendo que, nos limites deste artigo, apresentamos os elementos para a compreensão das manifestações de sua consciência política. Procura-se recuperar o “movimento” da consciência, já que se entende que esta não é algo dado e inerte, que possa ser vista sem relacioná-la ao seu processo de desenvolvimento, inserida na história de sua formação.

Palavras-chave: educação física; formação de professores; formação política; consciência política.

Resumen: Este texto pretende abordar el fenómeno de la conciencia de los individuos, realizando una breve descripción de los elementos clave para entender el proceso de la conciencia política de los profesores de educación física. Se trata de un estudio más amplio, que analiza cómo es la formación de los docentes y el compromiso político, y en los límites de este artículo, presentamos los elementos para la comprensión de las expresiones de su conciencia política. Se trata de recuperar el "movimiento" de la conciencia, ya que considera que esto no es algo dado y grava, que puede ser visto sin relacionarlo con su proceso de desarrollo, incrustado en la historia de su formación.

Palabras-clave: educación física; formación de profesores; formación política; conciencia política.

Abstract: This text address the phenomenon of consciousness of individuals, performing a brief overview of the key elements to understand the process of political consciousness of Physical Education teachers. This is a larger study, which analyzes how is the teachers formation and political engagement, and in the limits of this article, we present the elements for the understanding of expressions of their political consciousness. It seeks to recover the "movement" of consciousness, since it believes that this is not something given and gravel, which can be seen without relating it to their development process, embedded in the history of its formation.

Keywords: physical education; teachers formation; political formation; political consciousness.

A história segue seu curso indiferente às nossas misérias e heroísmos. Nossa consciência não pode fazer o mesmo. Estamos atados à vida e a sua teia cotidiana, nela colhemos os materiais que compõem nossa consciência e, nem sempre, esse cotidiano permite vislumbrar algo além da injustiça e da indignidade que marcam o presente. Temos, então, de recolher a revolta e a inquietação de quem não se submete e ousar dar forma às sementes do futuro, ainda que em tempos onde o futuro parece ter sido abolido (IASI, 2007, p.44).

Introdução

A transição que se processa desde os anos de 1960-70 em nossa sociedade deixa marcas profundas no nosso país na forma de uma lacuna entre aqueles que lutavam, manifestavam-se e buscavam

alternativas anti-sistêmicas e os que hoje se perdem em meio a projetos históricos e de formação carentes de referenciais claros. Esta afirmação também retraduz uma metáfora colocada pelo psicólogo soviético Aleksei Nikolaevich Leontiev (1980), na qual imagina uma catástrofe mundial que atingisse todos os adultos, permanecendo vivas apenas as crianças e, com isso, a história da humanidade teria de começar de novo, já que não haveria mais ninguém para ensinar às novas gerações. Assim, vê-se que o tesouro da cultura legado por uma geração de lutadores anterior à nossa está perdendo o *round* contra a sedentária e inerte atitude que impossibilita os mais novos de serem formados sob a referência da luta. Deixa-se de multiplicar essa referência pela negação ou pelo silenciamento das teorias do conhecimento ancoradas nas experiências revolucionárias, erguem-se os muros na Universidade para barrar o ingresso dos trabalhadores ou para esconder a realidade exterior a ela marcada pela desumanidade do capital, ao mesmo tempo em que se processam reformas que calam a voz da revolução. Porém, apesar disso tudo, ainda há os que resistem e se envolvem com a política – nesta mesma Universidade ou com passagem por ela.

Em muitos exemplos vemos que na Educação Física se expressam as lutas sociais. Um exemplo recente e bastante marcante sobre essas lutas é o das manifestações do Movimento Estudantil de Educação Física (MEEF), seguramente um dos mais atuantes entre os diversos cursos no Brasil: no dia 30 de Julho de 2004, mais de 300 estudantes de Educação Física ocuparam o edifício do Conselho Nacional de Educação – em plena Esplanada dos Ministérios em Brasília, capital federal – interrompendo por um dia inteiro os trabalhos desta instituição. Este ato radicalizado, realizado durante um Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física (ENEFF) visava protestar contra a implementação das novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Educação Física, instituídas naquele ano, entre outras reivindicações². Além disso, também se vê que muitos professores de Educação Física formados estão engajados em sindicatos, movimentos sociais, partidos políticos, etc. (SILVA, 2009).

As explicações para essa atuação de professores de Educação Física muitas vezes se remetem ao trabalho dos professores ou à sua “cultura docente” (MOLINA NETO, 1998, 2003). É o que se expressa, por exemplo, pelas “crenças” “do pouco valor da atividade docente”, “do professor diferente”, “das finalidades educativas distintas” e “de um modelo de professor necessário para a escola pública” (MOLINA NETO, 2003, p.152). Segundo esse autor, a participação política do professorado de Educação Física é bastante relevante na escola pública e se dá em dois âmbitos relacionados entre si: a administração escolar e a relação com os alunos.

[...] a ampla liberdade relativa de que dispõem para atuar, o fato de trabalhar de acordo com suas preferências pessoais, a programação de ensino pouco sistematizada e uma relação muito próxima com o aluno oferecem aos professores de educação física possibilidades de ocupar um espaço político privilegiado na cultura da escola (MOLINA NETO, 1998, p.40).

Entretanto, admitindo que então não é meramente o fato de ser um professor *de Educação Física* o que garante uma postura ou consciência crítica (política) entre esses indivíduos, o que seria? Será possível encontrar uma resposta para saber o que faz com que professores de Educação Física se envolvam com a política, sejam militantes políticos e críticos da realidade?

Parafrazeando Mauro Iasi, seria possível questionar: o que explicaria histórias de vida que se desenrolam sem nenhuma ligação, em distintos lugares e que recebem a militância política como uma tarefa pessoal, como se suas trajetórias de vida particulares, em certo momento, encontrassem uma estrada maior para a qual deveriam confluir e na qual encontram uma identidade que tem o poder estranho de explicá-los a si mesmos? De que maneira indivíduos (professores de educação física) que passam a desenvolver um sentimento de pertencimento mais amplo e estranhamente não presencial – a vivência de alguma injustiça ou uma opressão particular e concreta, por exemplo – desenvolvem uma identidade por uma mesma causa pela qual lutam e engajam-se politicamente? (IASI, 2006, p.372).

Talvez um movimento inverso deste questionamento auxilie a melhor compreender a problemática: os professores de Educação Física que se engajam politicamente conseguem ser mais críticos da sua realidade? Os professores de Educação Física, ao engajar-se na política, conseguem ampliar seus horizontes para o desvelamento da realidade?

Em um estudo recente, pesquisou-se sobre a formação política na Educação Física e verificou-se que há uma relação estreita nas discussões entre esta formação e os processos de conscientização política de indivíduos e coletivos (SILVA, 2009). O presente texto objetiva abordar o fenômeno da consciência dos indivíduos, realizando um breve apanhado dos elementos centrais para compreender o processo de consciência política. Trata-se de uma pesquisa mais ampla, que procura analisar como se dá a formação e o engajamento políticos de professores de Educação Física, sendo que, nos limites deste artigo, apresentamos os elementos para a compreensão das manifestações de consciência política entre os professores.

Essa abordagem não diz respeito somente à sua consciência individual, diz da sua consciência enquanto classe. Ou seja, não faço aqui uma recuperação sobre como se desenvolve o processo de conscientização acerca do mundo e da realidade pelos indivíduos, mas sim como isso ocorre no processo de conscientização política, trazendo, portanto, a discussão para o foco da pesquisa. Procura-se recuperar o “movimento” da consciência, já que se entende que esta não é algo dado e inerte, que possa ser vista sem relacioná-la ao seu processo de desenvolvimento, inserida na história de sua formação. A consciência de classe não se contrapõe à consciência individual, mas como está exposto a seguir, forma com ela uma unidade em que distintas particularidades derivadas do processo próprio de vida de cada um sintetizam, sob algumas condições, um todo. Este todo é que é a consciência de classe. É a partir deste referencial teórico e desses posicionamentos que entendo ser imprescindível um retorno a uma definição sobre o que é a consciência política para, entendendo-a, avançar na compreensão da formação política dos professores de Educação Física.

Matéria e consciência – a consciência política em relações sociais e históricas

As palavras de Mauro Luís Iasi trazidas na epígrafe deste artigo mostram que apesar da miséria ou do heroísmo que qualquer um de nós possa vivenciar individualmente, sabe-se que isto pouco ou nada alterará a História, que se dá como uma síntese coletiva de múltiplas determinações. Pouco importará,

portanto, se um atleta cubano quebrar o recorde de medalhas nas provas de natação dos próximos Jogos Olímpicos e for tido como herói nacional por sucessivas gerações na ilha ou se um atleta de boxe estadunidense resolver abandonar a competição na metade e ficar treinando e morando no país que os sediava. A linha da História seguirá, mesmo com a glória do primeiro e a tragédia do segundo – entretanto, poderá sofrer abalos, entortar-se, romper-se sob determinadas condições históricas. Certamente que a vivência de tais situações altera a consciência individual desses esportistas; como essas relações se processam na consciência, como isso se explica e quais as possibilidades de um efetivo abalo na linha da história é o que será discutido agora numa síntese.

Entendo a necessidade de estudar a formação de professores no limite que ultrapassa a realidade escolar, por duas motivações. A primeira, é por entender que com o referencial teórico que estou lidando e com as argumentações que faço sobre o objeto da pesquisa e ao que ela pretende responder, é necessário entender que os processos de formação dos indivíduos são carregados de componentes que vão além da educação na escola ou na universidade como instituições formativas. Assim, precisam ser vislumbrados a partir da vivência e experiência com a família, a igreja, os movimentos sociais, os partidos, as relações de amizade, etc. É o que indicam os estudos de Iasi, que refere que

[...] quando, em levantamentos empíricos, pedia que um entrevistado contasse como se tornou militante, invariavelmente o depoente articulava uma pequena história de sua vida, raramente se atendo às circunstâncias e aos eventos que marcam o contexto mais imediato de sua entrada numa militância organizada. Nesta história de vida destacam-se determinados grupos (grupos de jovens, igreja, teatro, grupo de trabalho etc.) (IASI, 2002, p.213).

Trata-se da consciência relacionando-a aos professores engajados nas lutas sociais em diferentes esferas (no sindicato, no parlamento, na escola, nos movimentos sociais); portanto, parte-se do entendimento da consciência em uma perspectiva *ativa*, ou seja, analisada tendo como referência o processo de formação de uma “consciência militante”. Assim:

[...] quando falamos em consciência militante queremos indicar uma consciência política, portanto, na acepção da palavra, uma consciência associada, coletiva, que se vê como sujeito coletivo de uma transformação necessária. Evidente que também é política a consciência dos sujeitos coletivos que querem manter a ordem, tema que não constitui objeto deste estudo. Neste sentido a consciência de classe está inseparavelmente associada à ação de classe (IASI, 2002, p38-39).

Mas não apenas isto: entende-se aqui que a consciência se processa como uma projeção da matéria, esta antecedendo àquela. Ou, conforme Marx e Engels, “o homem tem *também* ‘consciência’” (MARX; ENGELS, 2007, p.34 – grifo meu), pois ela nasce

[...] do carecimento, da necessidade de intercâmbio com outros homens. Desde o início, portanto, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existirem homens. A consciência é, naturalmente, antes de tudo a mera consciência do meio sensível *mais imediato* e consciência do vínculo limitado com outras pessoas e coisas exteriores ao indivíduo que se torna consciente; ela é, ao mesmo tempo, consciência da natureza que, inicialmente, se apresenta aos homens como um poder totalmente estranho, onipotente e inabalável, com o qual os homens se relacionam de um modo puramente animal e diante do qual se deixam impressionar como o gado (MARX; ENGELS, 2007, p.34-35 – grifos dos autores).

Dessa forma, é evidente que me coloco entre aqueles que compreendem a apropriação da realidade e sua abstração mental como produto da ação humana; portanto, me situo do ponto de vista filosófico numa perspectiva materialista, e não idealista, para as argumentações aqui expostas. Para entender melhor essa relação de antecedência do real sobre a consciência, é preciso compreender que o pressuposto fundamental de toda a vida humana e, enfim, de toda história é o de que “os homens têm de estar em condições de viver para poder ‘fazer história’” (MARX; ENGELS, 2007, p.33). Como parte da natureza, o organismo humano precisa comer, beber, abrigar-se, enfim, viver. É procedente dessa relação fundamental, ontológica dos seres humanos que se dá o *primeiro ato histórico*: quando os homens passam a produzir os meios que vão efetivamente garantir que tenham o que e como comer, beber, vestir, etc. Sublinhe-se, portanto, que é fundado a partir desta relação ontogenética que se darão outras relações (que por sua vez se desdobrarão em ainda outras), e que se dá a existência e a história humanas. Essas outras relações ou desdobramentos são três “aspectos da atividade social” que “coexistiram desde os primórdios da história e desde os primeiros homens, e que ainda hoje se fazem valer na história” (MARX; ENGELS, 2007, p.34) e podem ser assim resumidos: “a produção dos meios, o surgimento de novas necessidades e a reprodução biológico-social dos seres humanos” (IASI, 2006, p.102). Além destes três aspectos, há ainda um quarto, que diz respeito a que eles ocorrem por meio de uma relação entre os seres humanos, se produzem mediante um “modo de cooperação”:

[...] é um fato que a produção dos meios é em si um ato social e pressupõe as relações entre os seres sociais, assim como a produção de novas necessidades implica a relação entre esses seres, da mesma forma que a família só pode ser compreendida como uma relação social; porém, uma forma determinada de cooperação entre os seres humanos transforma-se ela própria em uma “força produtiva” como “força conjugada de vários indivíduos”. Está implícito neste raciocínio que a ação coletiva constitui uma força autônoma, ou que se torna autônoma em relação aos membros particulares que a compõe. Uma coisa é um ser humano procurando o que comer ou como se abrigar e outra, bem distinta, é quando isto é realizado por 166 milhões de pessoas, não apenas pela evidente dimensão quantitativa, mas porque se opera uma mudança qualitativa na qual a força combinada não é apenas o somatório de 166 milhões de intenções individuais (IASI, 2006, p.102).

Segundo as formulações de Marx e Engels (2007) e de Iasi (2006) aqui expostas resumidamente, somente com este percurso teórico podemos chegar à consciência humana. É, portanto, ainda um quinto “aspecto” que expressa a consciência humana. Veja-se, com isso, que (1) os seres humanos vivem em relação com outros da mesma espécie e com a natureza exterior a si; (2) nestas relações, produzem e reproduzem a sua vida e os meios que a garantam; (3) no processo de produção e reprodução da vida, vão se complexificando cada vez mais as relações e se criam novas necessidades para atender a esta complexificação; (4) todo este processo se dá por meio de relações sociais e por algum modo de cooperação (uma maneira determinada historicamente destas relações se estabelecerem); e (5) que disso os indivíduos têm consciência. Esse processo, ainda que aqui se exponha didaticamente como diferentes etapas separadas se dá concomitantemente, ou seja, na realidade objetiva, como um todo dialético.

Recuperemos então as três “formas de manifestação” que se referem a esta consciência política, conforme interessa para o nosso estudo: a consciência alienada (ou simplesmente a alienação), a

consciência em si (ou reivindicatória) e a consciência para si (ou consciência de classe ou consciência revolucionária) (IASI, 2006; 2007).

As formas de manifestação da consciência

Sabe-se que o indivíduo quando nasce traz em sua carga biológica as características que o fazem ser homem e não outro animal. Uma dessas características é o fato de ter um cérebro e um sistema nervoso central altamente desenvolvidos, mas não é somente por essas condições físicas e orgânicas que deve ser buscada a materialidade da consciência. Inicialmente, a consciência é um processo de representação no cérebro (subjéctiva) de uma realidade concreta externa (objéctiva), formada através de seu vínculo de inserção imediata (percepção) – “uma realidade externa que se interioriza” (IASI, 2007, p.14) ou “o mundo mediado pelo sistema de mediações produzido socialmente” (ALMEIDA, 2008, p.79-80).

Por outro lado, na sociedade capitalista o centro é o indivíduo como proprietário privado. Dessa forma, a vida desse indivíduo é reduzida a um período de tempo definido e, nesse ínterim, ele deve fazer todo o possível para “vencer e acumular” o máximo para si e sua família, antes que a morte o leve e fique apenas aquilo que foi acumulado: seus bens e sua biografia – o que efetivamente será transmitido à próxima geração (aquí nota-se que importa o *ter* e não o *ser* humano).

Ainda nesta relação entram as religiões, encarregadas de pregar que, além desses elementos, também a “alma” desse indivíduo (outra sua propriedade privada) transcende o limite de uma vida e se perpetua na história. Vê-se aqui a sociedade em que vivemos e o seu caráter histórico, isto é, o fato de o passado poder ser conhecido, o presente ser o que vivenciamos e o futuro, um devir; a partir disso, Iasi questiona: “como se sentiria uma pessoa diante da enorme tarefa de destruir uma sociedade e construir uma nova, na medida em que esse tipo de idéia sobre a temporalidade se impusesse às cabeças da classe trabalhadora?” (IASI, 2007, p.40). Sobre isso, Lessa refere que Marx, desenvolvendo melhor algumas ideias de Hegel, conseguiu expressar com melhor propriedade o fato de que “os homens fazem a história” e são os únicos responsáveis pelo seu destino, superando visões anteriormente vigentes na ciência (LESSA, 2005).

A primeira forma de manifestação da consciência é a alienação sobre as relações sociais em que vive o indivíduo. As suas características são as seguintes:

1. a vivência de relações que já estavam preestabelecidas como realidade dada;
2. a percepção da parte pelo todo, onde o que é vivido particularmente como uma realidade pontual torna-se “a realidade” (ultrageneralização);
3. por esse mecanismo, as relações vividas perdem seu caráter histórico e cultural para se tornarem naturais, levando à percepção de que “sempre foi assim e sempre será”;
4. a satisfação das necessidades, seja da sobrevivência ou do desejo, deve respeitar a forma e a ocasião que não são definidos por quem sente, mas pelo outro que tem o poder de determinar o quanto e como;
5. essas relações não permanecem externas, mas se interiorizam como normas, valores e padrões de comportamento, formando com o SUPEREGO, um componente que o indivíduo vê como dele, como autocobrança e não como uma exigência externa;
6. na luta entre a satisfação do desejo e a sobrevivência, o indivíduo tende a garantir a sobrevivência, reprimindo ou deslocando o desejo;

7. assim, o indivíduo submete-se às relações dadas e interioriza os valores como seus, zelando por sua aplicação, desenvolvimento e reprodução (IASI, 2007, p.18-19)³.

É pertinente salientar que aqui o conceito de alienação é visto a partir de Marx e tem quatro aspectos principais: (1) o homem está alienado da *natureza*; (2) está alienado de *si mesmo* (de sua própria atividade); (3) de seu “*ser genérico*” (de seu ser como membro da espécie humana); (4) o homem está alienado do *homem* (dos outros homens). Assim, “compreende as manifestações de ‘estranhamento do homem em relação à *natureza* e a *si mesmo*’, de um lado, e as expressões desse processo na relação entre *homem-humanidade* e *homem e homem*, de outro” (MÉSZÁROS, 2006, p.21 – grifos do autor). Desse modo, nem Iasi em sua caracterização nem eu tomo a ideia comum de alienação, como se fosse uma mera “ignorância” sobre um tema qualquer (tal como, por exemplo, em: “ele é um *alienado*, pois não sabe de nada” ou “ele votou no Guilherme porque é um *alienado*”).

Pois bem, fica claro que as características da primeira forma de consciência, a alienação, explicitam que o indivíduo que chega ao mundo hoje se depara com relações que são anteriores a ele e com as quais se relacionará. A família, que é tida como responsável pelas primeiras relações sociais da criança, reproduz e reforça as relações não só “familiares”, mas também as relações sociais de produção como um todo. Nesse sentido, ela mediatiza as relações capitalistas na sua transmissão ao indivíduo que se desenvolve. Assim, vê-se que uma forma “mais desenvolvida” (nesse caso, a família) é que mediatiza essas relações para uma forma “menos desenvolvida” (nesse caso, a criança) de consciência⁴. É o que Vigotski propõe quando formula a sua teoria, fundamentado no método materialista histórico-dialético, e a explica como um “método inverso”, ou seja, “o estudo da essência de determinado fenômeno através da análise da forma mais desenvolvida alcançada por tal fenômeno (DUARTE, 2000, p.84). Assim,

[...] afirma o psicólogo soviético que essa interação não é necessária para o desenvolvimento do embrião humano, mas ela é fundamental para o desenvolvimento cultural do indivíduo humano. Isso remete a um aspecto do método dialético de Marx que é adotado por Vigotski, aspecto esse sintetizado na famosa metáfora de Marx [...], a de que *a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco* (DUARTE, 2000, p.84 – grifos do autor).

Porém, é necessário compreender que, uma vez interiorizadas, essas relações não se transformam em inevitáveis. As relações sociais não são vivenciadas de forma meramente complementares umas às outras, mas como um todo dialético – uma união e uma superposição de contrários. Sendo assim, há contradições nesse processo, já que as novas relações vividas têm o mesmo potencial de interiorização que as antigas – novos valores, juízos, aprendizagens constituem e complementam uma nova base para novas condutas e comportamentos. É assim que possivelmente se abre uma passagem para outra forma de manifestação da consciência:

[...] alguém, por exemplo, que acreditasse que trabalhando conseguiria tudo o que se quer, mas passa a viver uma situação na qual apesar de trabalhar muito, não consegue o mínimo para viver, vivencia uma contradição que pode levá-lo à revolta. As relações atuais passam a não corresponder ao valor interiorizado, mas antes de fazer saltar, toda a concepção é vivida como um conflito subjetivo, individual, que é compreendido tendo por base a própria estrutura da primeira forma da consciência. [. . .] É apenas em certas condições que a revolta pode se tornar uma passagem para uma nova etapa do processo de consciência (IASI, 2007, p.28).

Como efetiva superação dessa primeira forma de consciência, que para Iasi (2007) culmina em revolta, está justamente o grupo do qual faz parte o indivíduo. Uma professora ou um professor na escola, ao deparar-se com o problema de baixos salários e identificando-se em outros professores que vivenciam a mesma situação, passam a manifestar a segunda forma de consciência: a consciência de classe *em si*. Cria-se uma relação de identidade que possibilita a ação coletiva, e não mais apenas individual, o que coloca as relações vividas em um novo patamar qualitativo. Segundo Iasi,

Vislumbra-se a possibilidade de não apenas se revoltar contra as relações predeterminadas, mas de alterá-las. Questiona-se o caráter natural dessas relações e, portanto, de sua inevitabilidade. A ação dirige-se, então, à mobilização dos esforços do grupo no sentido da reivindicação, da exigência para que se mude a manifestação da injustiça (IASI, 2007, p.29).

Nessa forma de manifestação da consciência, portanto, fica mais clara a questão da identidade de um grupo em defesa de seus interesses próprios, que se confrontam diretamente com os interesses de outro grupo que lhe são opostos. É possível visualizar a consciência em si na luta sindical, por exemplo, que tem na greve a sua manifestação didaticamente mais interessante, já que tanto se evidencia a identidade coletiva ao redor de reivindicações, quanto as próprias conquistas que ela propicia reforçam essa identidade e unidade do grupo.

Entretanto, essa forma de manifestação da consciência tem limites, justamente por apresentar algumas contradições em que se vê o indivíduo no coletivo ou ele próprio. Ainda que seja uma parte fundamental para a superação da primeira forma de consciência, seu pleno desenvolvimento ainda evidencia traços da antiga forma que não são superados efetivamente. O caso é que a consciência em si ainda reproduz o mecanismo pelo qual a satisfação do desejo (da reivindicação) cabe a outra pessoa (ou grupo). Ou seja, o indivíduo, ainda que atuante em um coletivo ou representado nele, reivindica de alguém ou para alguém alguma coisa. Assim, salienta-se nessa forma de consciência o fato de que a consciência não atinge um nível superior, em que a rédea da história, por assim dizer, ainda não está em sua mão.

Como exemplo deste limite (que é uma contradição, na verdade) dessa forma de consciência, está a greve: quando ela atinge o seu objetivo (digamos que seja aumento de salário ou melhores condições de trabalho), finda a greve – o que unia e identificava esses trabalhadores – e retorna-se à situação de exploração. E, no caso do capitalismo, essa exploração é crescente, já que, mais cedo ou mais tarde, pelas suas constantes reestruturações, o capitalismo tem uma tendência, seja velada, seja explicitamente, a aumentar a exploração sobre o trabalhador.

Se esse fosse o caso de uma luta dos professores seria possível notar (como pode ser visto em diversos casos de greves de professores nas escolas que conhecemos) que passado um tempo ou ia acontecer de as turmas ganharem mais alunos, ou de os repasses de verbas terem um arrocho por anos, ou de o próprio salário ser aumentado sem que isto representasse um aumento real, entre outras possibilidades. Enfim, essa forma de manifestação da consciência, expressa nesses exemplos, é melhor evidenciada quando a reivindicação é atendida do que quando ela não é: se a greve não tem sucesso e algumas lideranças são demitidas ou os professores têm o seu “ponto cortado”, fica ainda mais fácil manter a coalizão dos trabalhadores, deixando aberta a possibilidade de que a luta se desenvolva com mais

força (de que a consciência sobre as raízes da situação que levou os indivíduos à luta avance); entretanto, quando as reivindicações são atendidas, *simplesmente* se retorna a velhas relações de exploração, e o indivíduo terá de passar por um novo processo até que alcance um próximo estágio de consciência.

Ainda que não se queira expressar com esse exemplo uma ideia de que “quanto pior, melhor”, nota-se essa situação acontecer muitas vezes quando, por exemplo, nos dias atuais, a categoria de professores já não consegue grandes adesões a greves, o que caracterizava o movimento docente até pouco tempo atrás. Vianna (1999) traz bastantes elementos sobre essa questão e a trata como uma “crise” do movimento docente. Talvez essa situação tenha relação com esta manifestação da consciência entre esses trabalhadores. Mas na sequência da discussão serão trazidos mais elementos para responder a essa questão.

Ainda é preciso considerar que, como o processo de consciência não obedece um desenvolvimento linear, sempre existe a possibilidade de que se regresse a etapas anteriores de consciência. É assim que Iasi expressa ser comum estarmos “sempre diante de ciclos que vão desde um momento inicial de alienação até a constituição de formas coletivas de luta, que buscam se organizar e que acabam por se institucionalizar e se burocratizar, levando-nos novamente à alienação” (IASI, 2006, p.16). Isso ocorre porque a forma da consciência em si trabalha com os efeitos, com os sintomas, e não com as causas das relações e por isso gera um processo de adaptação ou readaptação à ordem. Nesse sentido, a consciência é a negação de apenas uma parte do problema que foi constatado. Segundo Lukács, enquanto uma forma superior de consciência ainda não está presente,

[...] a crise é permanente, regressa ao seu ponto de partida, repete a situação, até que, por fim, depois de infinitos sofrimentos e de terríveis rodeios, a lição dos factos da história completa o processo de consciência do proletariado e repõe nas suas mãos a direcção da história. [. . .] Na verdade, estas hesitações, e até estas incertezas, são um sintoma de crise da sociedade burguesa. Enquanto produto do capitalismo, o proletariado está necessariamente submetido às formas de existência do seu produtor. [. . .] Quando a crítica não ultrapassa a simples negação de uma parte, quando, pelo menos, ela não *tende* para a totalidade, então, não pode ultrapassar o que nega [. . .] (LUKÁCS, 1974, p.91-92 – grifos no original).

Uma forma superior e mais desenvolvida de consciência é denominada por Iasi (2007) ora como “consciência revolucionária”, ora como “consciência para si”, sendo esta efetivamente a verdadeira consciência de classe, de acordo com a minha leitura, ou seja, uma consciência política mais avançada. Ela é resultado de uma dupla negação: em um primeiro momento, o proletariado nega o capitalismo assumindo sua posição de classe; depois, nega-se a si próprio enquanto classe, assumindo a luta de toda a sociedade por sua emancipação contra o capital. Esta terceira forma de manifestação da consciência, contudo, não se dá nem exatamente na classe em si nem exatamente na classe para si, mas no *movimento* entre uma e outra, o que Almeida refere precisamente com a metáfora do “encontro do rio com o mar” (ALMEIDA, 2008, p.78).

Na passagem da consciência em si para a consciência revolucionária, ou para si, abre-se uma importante contradição. Apesar de as alterações da consciência só poderem ser vivenciadas em nível individual, o processo de transformação que irá realizá-la é necessariamente social, envolvendo mais que a ação individual, a de classe. O amadurecimento subjetivo da consciência de classe revolucionária, se dá de forma

desigual, depende de fatores ligados à vida e à percepção singular de cada indivíduo. Coloca-se assim a possibilidade de haver uma dissonância, que pode ou não se prolongar de acordo com cada período histórico, entre o indivíduo e sua classe, surgindo a questão do indivíduo revolucionário inserido num grupo que ainda partilha da consciência alienada (IASI, 2007, p.35).

Então, nota-se que essa forma é a de uma consciência transcendente, pois ultrapassa a vida individual e traz a necessidade de constituir patamares de organização mais permanentes. Seria como uma passagem do indivíduo a um coletivo de indivíduos e posteriormente deste coletivo a um coletivo permanente – pois sendo esse coletivo constituído por indivíduos, ele deve necessariamente transcender à passagem temporária de cada indivíduo por ele ou mesmo a sucessivas gerações de indivíduos que nascem e morrem em luta. Esse seria o caso, por exemplo, de um diretório acadêmico de estudantes na universidade, em que os seus membros não passarão mais do que quatro ou cinco anos como seus representantes, mas que a entidade estudantil, como um coletivo, guarda a história de lutas de sucessivas gerações de estudantes que por ela transitaram. Do mesmo modo, esse é o caso de indivíduos tidos como exemplos de uma consciência militante que acabam tendo sua história individual ligada à representação de um coletivo e isso contribui para a formação das consciências de outros tantos indivíduos que se reconhecem neles. Entendo que não seria possível dizer que esse seria o caso dos exemplos com os quais iniciei este sub-capítulo (os hipotéticos esportistas olímpicos), mas que isso explica, por exemplo, a reprodução das imagens de Che Guevara em diversos lugares e coletivos de lutadores, como uma “mística” de que “quem luta, não morre” na consciência dos militantes (BOGO, 2003, p.43). Isso explica a importância do exemplo de vida, isto é, quando a trajetória de alguns indivíduos serve como referência e impulsiona outras pessoas a se engajarem nas mais diversas lutas.

Considerações finais

Entender as manifestações da consciência como um *movimento*, aí reside de certa forma um desafio à compreensão do significado da consciência política. Uma nova consciência só pode ser alcançada na sociedade capitalista de forma embrionária, pois “somos, no máximo, indivíduos da sociedade burguesa, dispostos a destruí-la. É certo que já se apresentam em germe, elementos dessa nova consciência; no entanto, ela pressupõe uma nova ordem de relações para que tenha a base tornando-a possível” (IASI, 2007, p.42). Isso porque, como *movimento*, a consciência acompanha o ser da classe (afinal, o portador da consciência ou o *ser* consciente), que define sua ação ora moldado pela subordinação ao capital como peça fragmentada de seu metabolismo, ora como ser social integrado a esta mesma ordem, ora como possibilidade do ser social genérico universal.

Tenho trabalhado na linha de entender que a conjuntura que vivemos atualmente possibilita avanços no processo de desenvolvimento da consciência de classe entre os professores de Educação Física. Não é mais tão incomum, talvez como vinha sendo há cinco ou dez anos, nos cursos de formação em Educação Física, encontrar estudantes organizados em torno de seus diretórios e centros acadêmicos e reivindicando sob a forma de luta social suas pautas. O exemplo mais recente e ainda em curso disso são

as discussões em torno das Diretrizes Curriculares, cuja demanda pela rediscussão tem vindo dos estudantes e não dos professores.

É possível que o período que estamos atravessando, como uma transição que compreende três possibilidades – o aprofundamento da barbárie, o socialismo ou o fim da humanidade (MÉSZÁROS, 2003) – se expresse, na consciência dos indivíduos, na forma de um “empurrão” para a luta. A formação e a consciência política de professores de Educação Física tem demonstrado isso, questão que já ocupa os estudos de diversos colegas entre nós e que, aqui, foi trazida como uma discussão ainda em aberto.

Referências

- ALMEIDA, Melissa Rodrigues de. (2008). *A relação entre a consciência individual e a consciência de classe: uma análise das contribuições de Vigotski sobre a consciência da classe trabalhadora*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Curitiba: Universidade Federal do Paraná.
- BOGO, Ademar. (2003). *Arquitetos de sonhos*. São Paulo: Expressão Popular.
- DUARTE, Newton. (2000). A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: a dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação e Sociedade**. Ano XXI, n.71. Julho. p.79-115.
- IASI, Mauro Luis. (2002). *O dilema de Hamlet: o ser e o não ser da consciência*. São Paulo: Viramundo.
- IASI, Mauro Luis. (2006). *As metamorfoses da consciência de classe: o PT entre a negação e o consentimento*. São Paulo: Expressão Popular.
- IASI, Mauro Luis. (2007). Reflexões sobre o processo de consciência. In: IASI, Mauro Luis. *Ensaio sobre consciência e emancipação*. São Paulo: Expressão Popular. p.11-45.
- LEONTIEV, Aleksei Nikolaevich. (1980). O homem e a cultura. In: ENGELS, Friedrich; et al. *O papel da cultura nas Ciências Sociais*. [Coleção Rosa-dos-ventos, vol.3]. Porto Alegre: Vila Martha. p.37-72.
- LESSA, Sergio. (2005). Trabalho e História. In: MAGALHÃES, Belmira; BERTOLDO, Edna (org.). *Trabalho, educação e formação humana*. Maceió: EDUFAL. p.83-100.
- LUKÁCS, Georg. (1974). *História e consciência de classe: estudos de dialética marxista*. Telma Costa (trad.) Porto: Publicações Escorpião.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. (2007). *A ideologia alemã: crítica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. Rubens Enderle; Nélio Schneider; Luciano Cavini Martorano (trad.). São Paulo: Boitempo.
- MÉSZÁROS, István. (2003). *O século XXI: socialismo ou barbárie*. Paulo Cezar Castanheira (trad.). São Paulo: Boitempo.
- MÉSZÁROS, István. (2006). *A teoria da alienação em Marx*. Isa Tavares (trad.). São Paulo: Boitempo.
- MOLINA NETO, Vicente. (1998). A prática dos professores de educação física das escolas públicas de Porto Alegre. *Movimento*. Porto Alegre, ano 5, v. 9 (1998/2). p.31-46.
- MOLINA NETO, Vicente. (2003). Crenças do professorado de educação física das escolas públicas de Porto Alegre-RS/Brasil. *Movimento*. Porto Alegre, v.9, n.1, janeiro-abril. p.145-169.
- SILVA, Guilherme Gil da. (2009). *Um estudo sobre a formação política na Educação Física*. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- VIANNA, Cláudia. (1999). *Os nós do “nós”: crise e perspectivas da ação coletiva docente em São Paulo*. São Paulo: Xamã.

Notas:

¹ Mestre em Ciências do Movimento Humano/UFRGS. Pesquisador colaborador do Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE). Email: guilermegil@gmail.com

² Há diversas fotos e vídeos deste ato em várias páginas da *Internet*. Particularmente interessante é um vídeo disponível no *Youtube* que mostra a massa de estudantes em plena ocupação do edifício entoando palavras-de ordem. Ver em <http://www.youtube.com/watch?v=cD27drdbzyo>. Acessado em 7/4/2010.

³ Entendo que seja pertinente uma nota sobre o seguinte debate em curso: Mauro Iasi, um profundo estudioso e militante marxista, toma algumas explicações freudianas sobre o processo de consciência, ao contrário de outros autores marxistas, que se baseiam fundamentalmente na chamada *Escola soviética* da psicologia (histórico-cultural) – Vigotski, Leontiev e Luria. Segundo ele, há “pontos cegos” expressos em algumas explicações amparadas por esta *Escola*, que dizem respeito, entre outras, à questão da diferença entre a “circulação” e a “produção” das concepções de mundo (das ideias e da consciência sobre elas, enfim). Chega a expressar seu *lamento marxista* na seguinte passagem: “infelizmente quem nos explica este complexo processo, ou pelo menos nos indica um caminho promissor, é a psicologia ‘burguesa’, mais precisamente, Freud” (IASI, 2006, p.135). Como para expor este debate se teria de abrir novas discussões que se estudadas com mais fôlego poderiam compor uma nova pesquisa, limito-me a indicar a leitura de Mauro Iasi (2006 – centralmente p.121-218), além da diversa produção de Newton Duarte, outro reconhecido pesquisador da obra marxiana e vigotskiana, que ainda que do meu conhecimento não tenha realizado este debate com Iasi, vejo que teria postura divergente.

⁴ Poder-se-ia pensar em outras relações, como a escola e o aluno, a universidade e o estudante, a indústria e o operário, o clube e o atleta, etc.